

FORMAÇÃO CONTINUADA PARA PROFESSORAS DA REDE PÚBLICA DE ENSINO DE SANTA MARIA/RS: ACESSIBILIDADE, ARTES CÊNICAS E EDUCAÇÃO

FLAVIA GRÜTZMACHER DOS SANTOS¹; ALINE DALCUL²; MARCIA BERSELLI³

¹ Universidade Federal de Santa Maria - flavia.grutz@gmail.com

² Universidade Federal de Santa Maria – alinepoescker@hotmail.com

³ Universidade Federal de Santa Maria – bersellimarcia@gmail.com

1. INTRODUÇÃO

O presente resumo apresentará uma ação de ensino e extensão realizada em escolas públicas municipais e estaduais no município de Santa Maria/RS durante o segundo semestre de 2019, com o objetivo de oferecer formação continuada para professoras sobre teatro e acessibilidade¹. A formação continuada foi oferecida no formato de *workshops*, em dois momentos: o primeiro com enfoque em práticas cênicas identificadas como menos restritivas e o segundo estabelecendo uma conversa sobre acessibilidade.

O projeto de ensino encontra-se finalizado e foi possível perceber, através das falas de professoras e também de um questionário por elas respondido, a importância da formação continuada para o desenvolvimento profissional das docentes. Dois aspectos são relevantes: o debate e a prática sobre o tema da acessibilidade, e a potencialidade do formato em que oferecemos a formação. Ao não oferecermos uma palestra e sim um momento de práticas que mobilizam os corpos, seguido do diálogo, foi perceptível o engajamento de grande parte das participantes.

Francisco R. Ferreira (2008) pontua a existência de símbolos sociais estabelecidos a partir da aparência física das pessoas. Reconhecemos, então, que a primeira impressão de uma pessoa está centralizada no corpo, e se isso se aplica a pessoas sem deficiência, isso acontece de maneira mais vertical quando se trata de pessoas com deficiências aparentes. Mesmo que a sociedade tente reprimir as diferenças individuais, isso não é possível, tendo em vista que o corpo "não cabe em disciplinas rígidas ou limitadoras." (FERREIRA, 2008, p. 472). Por mais que a sociedade tente esconder as diferenças, elas são essenciais ao nos tornarem únicas.

Nessa perspectiva, Carlos Skliar (1999, p. 18) traz o conceito de alteridade, a partir do qual problematiza o que nosso olhar sobre as outras pessoas reforça sobre nós, na invenção de "Outros [...] que utilizamos para poder ser nós mesmos". Assim, há uma determinação sobre o que seja normal e tudo que foge a esse enquadramento é tido como anormal e problemático. Berselli e Isaacsson (2018), nesse sentido, sustentam o argumento de que, tanto na sala de aula quanto no espaço de criação cênica, cada indivíduo tem as suas particularidades que precisam ser consideradas e respeitadas. Assim, seria interessante conceber aulas mais flexíveis, uma vez que a rigidez pode excluir estudantes com deficiência, além de apagar as diferenças em busca de um padrão de eficiência que parece estar presente na sala de aula e precisaria ser revisto.

¹ A ação, orientada pela Profa. Marcia Berselli e vinculada ao Grupo de Pesquisa Teatro Flexível: práticas cênicas e acessibilidade (CNPq/UFSC), contou com o apoio da Universidade Federal de Santa Maria através das bolsas PROLICEN (Programa de Licenciaturas) e FIEX/CAL (Fundo de Incentivo à Extensão).

2. METODOLOGIA

O Projeto do qual resultou este resumo foi a segunda parte de uma pesquisa maior, que teve início em 2018. O objetivo foi o contato com escolas públicas da rede de ensino municipal e estadual de Santa Maria/RS, de modo a observar aspectos de acessibilidade arquitetônica, metodológica e atitudinal. Para isso, a pesquisadora, co-autora deste trabalho, visitou vinte escolas tendo em mãos uma lista de aspectos arquitetônicos verificando se a escola oferecia ou não um ambiente acessível. Em um segundo momento, ela realizou entrevistas semiestruturadas com as diretoras e educadoras especiais de cada uma das instituições de ensino.

As entrevistas foram transcritas e analisadas. Um dos dados a destacar foi a falta da formação continuada, apontada tanto pelas diretoras quanto pelas educadoras especiais como um aspecto que dificulta a efetividade do ensino em sala de aula. Então, a pesquisadora e sua orientadora estruturaram um *workshop* de formação continuada sobre teatro e acessibilidade para professoras da rede de ensino santamariense. A partir de então, a orientadora percebeu a necessidade da presença de uma estudante da área de teatro para mediar a parte prática da oficina, além de proporcionar um encontro da discente com o ambiente escolar. Nesse contexto a primeira autora foi inserida como bolsista de ensino, auxiliando na análise das entrevistas transcritas² até a realização dos *workshops* nas escolas.

O *workshop* foi organizado em dois momentos, sendo o primeiro prático e o segundo teórico. Para iniciar, fazíamos uma breve apresentação da proposta, quem éramos e o porquê de estarmos ali. Na sequência, investíamos na prática, que era composta de exercícios e jogos a partir do Contato Improvisação e de propostas de composição cênica. As práticas foram escolhidas pelo grupo por suas características menos restritivas. São práticas que envolvem o contato de uma pessoa com a outra, estabelecendo relações entre elas e sempre respeitando o espaço de cada uma. Um dos primeiros exercícios era deslocar pelo espaço compartilhando um ponto de contato com outra pessoa, porém a dinâmica se iniciava com um balão entre ambas. Essa estratégia era usada para que as presentes se sentissem confortáveis com a proximidade em relação às demais e com o possível toque que viria a seguir.

O segundo momento tinha um viés mais teórico, no qual a mediadora, pessoa com deficiência, não proferia uma palestra, mas compartilhava algumas informações sobre acessibilidade e deficiência, legislação, nomenclaturas e estimulava o início de uma conversa a partir destes tópicos. Na maior parte das vezes, as professoras expunham suas dúvidas neste momento, como o que fazer quando existia uma criança ou adolescente com uma deficiência específica em sala. Muitas vezes, a demanda era por uma fórmula de como trabalhar com uma deficiência específica. A partir do diálogo, compreendíamos que não existem fórmulas.

É importante salientar que em ambos os momentos não havia a obrigatoriedade de participação de um modo único, todas podiam exercer seu poder de escolha sobre participar da atividade assistindo ou realizando as propostas e, na conversa, expondo algum pensamento ou não. Além deste ponto, outro de relevância para o projeto – e talvez o fulcral – é que nosso objetivo nunca foi formar as professoras em teatro, mas compartilhar conhecimentos sobre acessibilidade e

² Para saber mais sobre o resultado da pesquisa de 2018, vide: DALCUL, Aline; BERSELLI, Marcia. Acessibilidade no ambiente escolar: problematizações e desafios baseados na observação de escolas em Santa Maria/RS. **Revista Extensão em Foco**: Palotina, n. 21, p. 1-17, ago/dez. 2020. Disponível em <https://revistas.ufpr.br/extensao/article/view/68159>. Acesso em 25 set., 2020.

práticas cênicas, as quais poderiam ser desenvolvidas como dinâmicas de grupo na sala de aula, estimulando a participação de estudantes com deficiência.

3. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O projeto encontra-se finalizado, tendo contemplado três escolas de educação básica do município, ao longo do segundo semestre de 2019. Mesmo tendo sido feito o contato com todas as escolas que participaram da pesquisa em 2018, através de e-mails e telefonemas, o objetivo de fazer a formação em todas as escolas entrevistadas não foi alcançado. Percebemos que isso se deu principalmente pela sobrecarga de trabalho que as professoras apresentam, tendo raríssimas oportunidades para participar de formações. Por mais que a demanda seja altíssima em relação à acessibilidade, muitas escolas não conseguiram participar.

Ao adentrar as escolas com os *workshops*, pudemos perceber a precariedade em que a Instituição se encontra quando falamos sobre acessibilidade. Os aspectos arquitetônicos são os mais visíveis ao primeiro olhar, o que não significa que são os que mais precisam de atenção. Pensando no aspecto da formação das professoras que estão atualmente em sala de aula, não podemos deixar de lado o fato de que muitas delas estão formadas há mais de vinte anos, período em que não existia a obrigatoriedade de disciplinas voltadas à acessibilidade nos Projetos Pedagógicos dos Cursos (PCCs) do ensino superior. Fica explícito, então, que essas professoras precisam de formação para a área, o que não significa que as licenciadas formadas nos últimos anos - após a inclusão de disciplinas com tais temáticas terem sido implementadas em cursos de graduação - não precisem também de formação continuada, tendo em vista que a formação universitária ainda é deficitária.

É possível perceber, então, que existe dificuldade por parte das professoras em incluir em sala de aula estudantes com deficiência, o que está intimamente ligado às formações estarem engessadas em uma forma de ensino tradicional, a qual dita em quanto tempo uma criança precisa aprender. Se alguma delas não conseguir atingir tal resultado no tempo determinado, isso será um problema da criança, sem considerar que ela pode ter um tempo diferente do estipulado para aprender e realizar determinada ação sozinha. O mesmo acontece se pensarmos nas diferenças físicas das pessoas - com e sem deficiência. Parece ser necessário revisitar os padrões estabelecidos e socialmente impostos, seja em termos estéticos, seja em termos de eficiência. A pessoa com deficiência não é um problema, ela é um sujeito único e singular, que merece ter suas particularidades respeitadas³.

Outro aspecto de extrema relevância foi a percepção da efetividade dos *workshops* ministrados. Recebemos várias respostas positivas em relação a eles, por tratar de um tema tão atual e necessário e pela metodologia empregada. Escolhemos iniciar pelo momento de práticas e depois pelo bate-papo buscando uma proposta dinâmica que estimulasse a relação entre as participantes, tentando tornar o ambiente aberto ao compartilhamento de palavras, toques, risadas e afetos. É importante salientar que o *workshop* foi assim estruturado pensando exatamente nos pontos que tangenciam às professoras da educação pública em nível básico: pouco tempo disponível, muito trabalho realizado sentado e a possível falta de interesse em participar de um evento em que o conteúdo seja apresentado de

³ Sobre este ponto, a leitora interessada poderá acessar SANTOS, F.G.; BERSELLI, M. Somos todas iguais ou somos todas diferentes? Práticas cênicas estimulando o debate sobre a diferença no ambiente escolar, **DAPesquisa**, <https://www.revistas.udesc.br/index.php/dapesquisa/index>, (PRELO).

maneira passiva. Buscamos tornar a formação dinâmica para que ela pudesse ser aproveitada ao máximo por todas as participantes.

Através desta ação, parte do conhecimento desenvolvido pelo Grupo de Pesquisa Teatro Flexível (CNPq/UFSM) ultrapassou os muros da Universidade, alcançando nosso principal objetivo: compartilhar a discussão sobre acessibilidade e deficiência com professoras de escolas da rede pública da cidade. Não formamos as professoras em teatro e nem ensinamos fórmulas, mas proporcionamos a oportunidade de expressão e debate sobre o assunto. Ainda, em contato, em um sentido de partilha que é tão caro à escola, compartilhamos práticas possíveis de serem desenvolvidas pelas professoras em sala de aula, estimulando o convívio entre estudantes. Os *workshops* foram importantes para aquelas que deles participaram e acreditamos que formações como esta, focando na pessoa enquanto ser individual e singular e no respeito às suas particularidades, sejam o caminho para um entendimento mais amplo das diferenças, as quais nos caracterizam como seres humanos.

4. CONCLUSÕES

É necessário que o conhecimento acadêmico possa circular e operar em retroalimentação com as comunidades, não estando restrito ao meio universitário. O espaço de formação continuada é importante por provocar e promover o convívio entre professoras, estimulando a reflexão sobre suas práticas a partir de seus contextos. Lançar um olhar diferenciado para a prática cotidiana pode impulsionar mudanças significativas nos fazeres docentes, promovendo propostas menos restritivas em sala de aula. Ao propormos um *workshop* no formato acima apresentado, entendemos que um espaço de reflexão é instaurado, o qual pode ter a potencialidade de reverberar no trabalho prático de algumas professoras e assim, em efeito cascata, uma dinâmica com algumas práticas menos restritivas podem chegar à sala de aula.

Também destacamos a importância da relação estabelecida entre artes cênicas e educação, pelo viés da acessibilidade, com as áreas impulsionando reflexões entre si e mobilizando um olhar de estranhamento para o cotidiano. O campo em que esta ação nasce é o das artes cênicas e aprofundamos nossos estudos (empíricos e teóricos) na universidade com o intuito de compartilhá-los com a comunidade, a partir de uma formação continuada em moldes não tradicionais, impulsionando possíveis reflexões e repercussões no ambiente educacional.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BERSELLI, Marcia; ISAACSSON, Marta. A presença de pessoas com deficiência na cena contemporânea desestabilizando construções sociais a respeito do corpo. *In: Repertório*, Salvador, BA, v. 21, n. 30, p. 365-387, 2018.

FERREIRA, Francisco Romão. A produção de sentidos sobre a imagem do corpo. *In: Interface: comunicação, saúde, educação*, Botucatu, SP, v.12, n.26, p.471-83, jul./set. 2008.

SKLIAR, Carlos. A invenção e a exclusão da alteridade "deficiente" a partir dos significados da normalidade. *In: Educação e Realidade*, Porto Alegre, RS, v. 24, n. 2, p. 15-32, jul./dez. 1999.